



Marcovaldo (Cíntia Langie e Rafael Andreazza, 2010)

## A produção de cinema em Pelotas e a experiência da Moviola Filmes

Rafael Geber Andreazza<sup>1</sup>  
Produtor de cinema

Há 20 anos quem afirmasse que seria possível a produção de cinema em Pelotas, no interior do Rio Grande do Sul, seria provavelmente considerado um sonhador. Hoje, contudo, há na cidade, e em especial entre os colaboradores da Moviola Filmes, uma expectativa em consolidar não apenas uma produtora, mas um pólo de produção cinematográfica no extremo sul do Brasil. Seremos sonhadores?

O fato é que nos últimos 10 anos houve uma confluência de forças que possibilitaram a realização da produção de cinema na região, com alguma qualidade técnica e artística. A revolução digital e o advento das novas tecnologias é um fator importante nesse sentido, assim como a criação do Curso de Cinema e Animação da Universidade Federal de Pelotas – UFPel - em 2007. Mas há que contabilizar a valorização do cinema e o apoio da comunidade como um agente importante, assim como, obviamente, a vontade de um grupo de pessoas de fazer cinema. Sim, somos sonhadores, e esse é também um elemento fundamental.

Como esse artigo se refere à produção de cinema em Pelotas, mais especificamente pela produtora Moviola Filmes, vamos buscar inicialmente traçar um esboço geral de uma retomada que tardou quase um século e apontar as condições e perspectivas para a continuidade da produção na cidade.

Se a chamada Retomada do Cinema Brasileiro aconteceu na segunda metade da década de 90 no Rio de Janeiro e em São Paulo, por aqui, a “Retomada” demorou ainda alguns anos para chegar, e em verdade, não havia muito a retomar: o último (e único) ciclo de produção de cinema em Pelotas aconteceu com Francisco Santos e Francisco Xavier, pela Cinematográfica Guarany no período

<sup>1</sup> - rafael.andreazza@gmail.com

compreendido entre 1913 e 1930. Estes realizadores, entre outras obras cinematográficas, produziram *Os óculos do Vovô* (1913), o filme de ficção mais antigo feito no Brasil, do qual se tem fragmentos até hoje. Após esse período, houve esporádicas filmagens em Pelotas, produções oriundas dos pólos de produção do cinema brasileiro que apenas utilizavam a região como locação.

No final da década de 90, a produção de filmes em Pelotas era restrita a trabalhos universitários de uma disciplina do curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Pelotas – UCPel, geralmente em formato VHS. Entretanto, essas produções não eram distribuídas, não circulavam e, portanto, não chegavam ao público. Fora da Universidade, não havia acesso às obras, das quais se tem notícia tão somente através dos estudantes daquela instituição.

Em meados do ano 2000, formou-se um grupo de pessoas que iniciou a produção de cinema de forma independente e que foi fundamental para o que se tem por cinema realizado em Pelotas hoje.

Márcio Kinzeski era acadêmico de Jornalismo na UCPel, quando fez um curso de Direção Cinematográfica em São Paulo com a diretora Eliane Caffé. Conseguiu uma câmera Super 8 emprestada do cineasta paulista Roberto Buzzini, através do qual comprou os cartuchos de filme. Buzzini, um incentivador do cinema, fez a revelação e telecinagem dos curta-metragens *Hominal* (2001), filmado nas pedreiras de Capão do Leão, e *Duo* (2001), sendo que este último foi selecionado para a 26ª Mostra de Super 8 do Festival de Gramado.

Kinzeski, então, começou a realizar oficinas de cinema e a reunir interessados em produzir audiovisual em Pelotas. Em 2002 juntaram-se a ele o espanhol Alberto Alda (fotógrafo de cinema radicado em Pelotas desde 1998) e os então estudantes de Artes Visuais da UFPel, Rodrigo Neves e Francisco Maximila. A união desses profissionais tinha como objetivo produzir o curta-metragem *22mm*, com roteiro coletivo inspirado no trabalho do cartunista Laerte. A obra foi gravada com dois rolos de filme Super 8 (com prazo de validade vencido) cedido pelo então professor da UCPel Mishuo Watanabe. O filme concorreu no Festival de Cinema de Gramado de 2003, também na Mostra Super 8.

Nessa época, eu era acadêmico do Curso de Filosofia da UFPel e

em uma conversa com Rodrigo Neves e Chico Maximila contei que havia escrito meu primeiro roteiro para cinema. Apresentei o argumento de *O Caramujo* para os companheiros e, encampada a idéia, iniciamos a produção, e cheguei a comprar uma câmera Super 8 em um brechó.

O problema passou a ser o preço do filme e da revelação, afinal, éramos estudantes. A idéia ficou parada por 2 anos quando, em novembro de 2004, de posse de uma câmera digital emprestada por Kinzeski, gravamos o curta-metragem *O Caramujo*. O filme foi editado e lançado em 2005, pela recém fundada Campos Neutrais Filmes, graças ao apoio do fotógrafo Gabriel Olivera, que emprestou seu estúdio e equipamentos.

Em 2006, a produção de filmes se expandiu. O grupo da Campos Neutrais deu sequência ao trabalho com o curta *Solitário Jorge*, dirigido por Rodrigo Neves e Chico Maximila, com fotografia de Alberto Alda e com roteiro escrito por mim em parceria com Wagner Quevedo.

Ainda neste ano, Alberto Alda e Francisco Maximila juntaram-se a um grupo de entusiastas que dava início a um processo de produção de filmes em parceria com uma produtora de publicidade de Pelotas, grupo este que passou a assinar seus filmes com o nome Público Cinema. Em 2006, esta equipe realizou dois curtas-metragens: *GHB*, de Mário Finard e *Overdose*, de Cíntia Langie. Na produção de ambos estava Alexandre Mattos.

É evidente que a abertura causada pela revolução digital gerou a possibilidade de fazer cinema de forma mais universal. Mas um fator determinante para toda produção ulterior ocorreu em 2007, quando o Curso de Cinema e Animação da UFPel começou suas atividades. Pode-se dizer que a graduação em Cinema e a circulação, ainda que local, dos filmes produzidos em Pelotas desencadearam uma produção de cinema que vem crescendo em quantidade e qualidade, dentro e fora da Universidade.

No ano de 2007, Cíntia Langie, Alberto Alda, Chico Maximila e Alexandre Mattos produziram de forma independente o filme *Katanga's Bar*, um média-metragem misto de ficção e documentário. Em homenagem ao programa de rádio denominado *Moviola – O*

*Cinema no Rádio*, que era produzido por este mesmo grupo e veiculado na RádioCom, batizaram a produtora de Moviola Filmes. Nesse mesmo ano, mais exatamente em 05 de outubro de 2007, o Cine Capitólio, o último cinema de calçada de Pelotas, fechou suas portas.

Da comoção causada pelo fato, foi produzido pela Moviola o filme *Estacionamento*, lançado em 2008, com direção de Cíntia Langie e Daniela Pinheiro, um documentário reflexivo sobre as extintas salas de cinema de Pelotas e a nova realidade do cinema de uma forma geral.

Neste mesmo ano, a produtora também finalizou o documentário musical *Pimenta Buena* e o institucional *Moviola Imagens*, que continha depoimentos dos integrantes da produtora e de outras pessoas ligadas ao cinema, que justificam a necessidade e a importância de haver uma produtora cinematográfica na cidade de Pelotas. A Moviola Filmes nasceu da paixão pelo cinema de um grupo de pessoas que tinham o objetivo de registrar a riqueza visual da cidade, sua cultura, suas transformações, seu povo e suas mazelas.

As experiências cinematográficas até 2008 tinham caráter eminentemente documental e a exploração da linguagem simples e direta, própria do documentário, foi transposta para a ficção em 2009 na produção do curta de ficção *Futebol Sociedade Anônima*, o que veio a se repetir em *Marcovaldo*, em 2010.

*Futebol Sociedade Anônima* foi o primeiro filme da produtora realizado com uma equipe mais completa, pensada para atender as funções básicas do cinema. Para a produção somaram-se à equipe diversos colaboradores, muitos deles que, apesar de já atuarem em suas áreas, nunca haviam feito cinema. Integraram a equipe os operadores de câmera Felipe Campal e Gabriel Olivera, os operadores de som direto Lauro Maia e Davi Mesquita, além de um elenco variado de atores, não atores e estudantes oriundos do recém criado curso de Teatro da UFPel. Dessa produção, formou-se a equipe base da produtora, que permaneceu trabalhando em conjunto nos anos subsequentes, e pode-se dizer que o aprendizado desses profissionais se operou na prática: apesar de todas as limitações foi-se aprendendo a fazer cinema, fazendo cinema.

*Futebol Sociedade Anônima* teve uma distribuição mais ampla e colocou a produtora em alguns festivais pelo Brasil. Com a participação dos diretores nos Festivais, iniciou-se a pesquisa do mercado de circulação e distribuição dos filmes no Brasil, o que até então era uma realidade absolutamente desconhecida. Mas o filme ganhou notoriedade com a exibição através da RBS TV, o que gerou reconhecimento pela comunidade local e injetou ânimo na equipe para seguir a produção.

Em fevereiro de 2010 a equipe da Moviola partiu para uma nova missão: produzir *Marcovaldo*, um filme extremamente difícil de realizar, tendo em vista a ausência de orçamento e as dificuldades técnicas óbvias, como filmar à noite pela cidade em um caminhão de coleta de lixo e dirigir e produzir uma equipe de mais de 80 pessoas.

Aceito o desafio pela equipe, as rodagens começaram em março, tendo o filme sido finalizado em outubro de 2010. *Marcovaldo* foi possível graças ao apoio da comunidade, de empresas locais e da UFPel, uma vez que o filme foi projeto de extensão e envolveu dezenas de alunos dos cursos de Cinema e Teatro.

O lançamento de *Marcovaldo* ocorreu no Teatro Guarany, um local que deixara de ser sala de exibição desde 1996. Para a surpresa geral dos produtores compareceu um público de mais de mil pessoas para assistir ao curta-metragem. Terminada a exibição, o filme foi aplaudido em pé pelo público, e todos nós, perplexos, chegamos ao consenso em torno da ideia de que um lançamento de um filme com um público tão expressivo jamais se repetiria. Um ano depois, uma nova bela surpresa aguardava a equipe.

Duas semanas após o lançamento, *Marcovaldo* recebeu sua primeira premiação em festivais, uma Menção Honrosa no 2º Festival Internacional de Cinema Ambiental de Fernando de Noronha. No final de novembro, o filme recebeu o prêmio de Melhor Fotografia no Festival de Cinema de Petrópolis, Rio de Janeiro, o que foi uma vitória para um filme rodado à noite sem iluminação profissional - uma vez que lanternas e faróis de carros não podem ser considerados equipamento de iluminação de cinema. Em dezembro de 2010, Marcovado recebeu pela primeira vez o prêmio de melhor filme pelo júri popular em Parauapebas, no Pará, o que iria se repetir em 2011 em Marselha (França) e Oberá (Argentina), e ainda, em 2012,

de melhor curta pelo júri oficial no 3º Festival Itinerante da Língua Portuguesa, em Lisboa.

Em dezembro de 2010, o filme foi exibido como *HorsConcurs* na abertura do 2º Festival Manuel Padeiro de Cinema e Animação de Pelotas, festival que vai se consolidando como um importante espaço de exibição no sul do Brasil, fruto de uma parceria entre a produtora Gaia Cultura e Arte, o Curso de Cinema da UFPel, com colaboração da Moviola Filmes.

*Marcovaldo* fez até o momento uma carreira surpreendente em festivais, tendo participado até o momento de mais de 30 Festivais, em sete diferentes países, recebendo prêmios em diversas categorias. Ganhou especial notoriedade na mídia nacional com o prêmio de Melhor Música na mostra gaúcha do 39º Festival de Cinema de Gramado, o que aponta para uma fórmula caseira que vem obtendo sucesso: desde o início, todas as trilhas musicais dos filmes da produtora foram compostas por músicos radicados na cidade de Pelotas.

Mas a distribuição de *Marcovaldo* foi muito além do circuito de festivais. A exibição foi para dezenas de escolas de Pelotas, inicialmente na Semana da Consciência Negra, e após foram atendidos todos os convites de exibição em escolas públicas e privadas. Transformou-se em material didático de vários professores que trabalham a temática social e ambiental. As apresentações não ficaram restritas a Pelotas, tendo sido exibido em quase todas as cidades da região sul do estado, em eventos culturais, escolas e cineclubes, além de presídios e asilos. Foi exibido em cineclubes de todo o país e convidado para inúmeras mostras no Brasil, Uruguai, Argentina, França e Itália. Foi convidado para ser exibido em rede estadual pelo Núcleo de Especiais da RBS, chegando ao grande público através do Programa Curtas Gaúchos. Enfim, o filme cumpriu sua função social.

Durante o longo processo de edição e finalização do curta no ano 2010, a produtora fez a captação do documentário do *I Festival de Jazz de Pelotas* e inscreveu o projeto de documentário *O Liberdade* no primeiro edital do Fundo Municipal de Cultura de Pelotas – Procultura. A realização de um registro do reduto do choro na cidade de Pelotas era considerado de extrema importância, e já havia

sido iniciado em 2008, mas foi abandonado em face das dificuldades técnicas enfrentadas.

A notícia da aprovação do projeto *O Liberdade* ocorreu no início de 2011, enquanto a produtora realizava sua primeira coprodução com a produtora uruguaia Antidoto Films: a minissérie documental *La Huella de Sepé*, que foi ao ar pela Televisão Nacional do Uruguai naquele mesmo ano. Abriu-se um caminho de co-produção com esse país tão próximo, tanto geograficamente quanto em identidade.

De fevereiro a outubro de 2011 a equipe constituída nas produções anteriores, juntamente com novos colaboradores que vem se agregando em cada nova produção, muitos deles oriundos da Faculdade de Cinema (que em 2010 formou sua primeira turma), dedicou-se à produção, gravação e pós-produção do documentário sobre o Bar Liberdade, que inicialmente seria um média-metragem, mas acabou transformando-se no primeiro longa-metragem da Moviola Filmes. Para além dos valores captados através do Procultura, a produtora investiu recursos próprios oriundos de receita auferida por *Marcovaldo* e, mais uma vez, contou com apoio de empresas.

Mas o “algo a mais” foi dado pela própria equipe, em força de um trabalho incansável para atingir o melhor resultado possível, esforço muito além do valor simbólico recebido por cada artista e técnico por suas funções, a exemplo da finalização minuciosa realizada por Thiago Rodeghiero e Alberto Alda e da captação e finalização de áudio pelos parceiros Lauro Maia e Davi Mesquita.

*O Liberdade* consistia em um documentário musical que tem como elemento principal a música de Avendano Jr. e seu grupo. A generosidade de todos os técnicos de áudio que trabalham pela produtora desde 2009, e o apoio do Estúdio a Vapor proporcionou não apenas ao filme um áudio impecável. Na verdade obteve-se um registro histórico importantíssimo da música brasileira, e que jamais havia sido realizado com qualidade técnica condizente com o nível dos músicos documentados.

Era consenso entre a equipe Moviola que o projeto de documentar o bar e restaurante Liberdade era necessário e urgente. Necessário porque que o documentar o Liberdade, e em especial a música

de Avendano Jr. e seu grupo, seria um registro importante do patrimônio histórico imaterial da cidade de Pelotas. E a urgência decorria da idade avançada dos documentados, e nesse sentido, alguns componentes do grupo já haviam falecido quando da confecção do projeto.

O lançamento do filme em 6 outubro de 2011 no Theatro Guarany é digno de nota. O público não apenas ocupou todas as cadeiras e camarotes, mas se acomodou pelo chão e em pé em todos os portões de acesso. Do lado de fora, cerca de 500 pessoas não conseguiram entrar no local para a estreia. Durante o filme, gargalhadas, palmas e prantos intercalados por um silêncio absoluto de um público de aproximadamente 1.700 espectadores. Avendano Jr. e seus músicos que há 37 anos tocavam no humilde restaurante Liberdade saíram ovacionados pelo público. Uma justa homenagem.

*O Liberdade* foi exibido ainda em escolas de Pelotas e região, asilos e mostras, com destaque à sessão no Cine Regente em Jaguarão, cinema de calçada fechado desde os anos 90. Em festivais, até a presente data, o filme participou do 15<sup>o</sup> Festival Internacional de Cinema de Punta del Este no Uruguai, do 14<sup>o</sup> Rencontres Du Cinéma Sud-Américain de Marselha e Região Paca, na França, do Festival Conexão Vivo Moviada, que acontece nas cidades de Goiânia, Belo Horizonte, Salvador, João Pessoa e São Paulo, do XIX Cinesul, no Rio de Janeiro, e na mostra competitiva do 16<sup>o</sup> FAM – Festival Audiovisual do Mercosul, em Florianópolis.

Desde 2007, ano da criação do Curso de Cinema da UFPel e da fundação do coletivo Moviola Filmes, a cidade de Pelotas vive a valorização do cinema de uma forma geral. Se em 2007, com o fechamento do Cine Capitólio, a cidade passou a contar com apenas três salas de cinema, por outro lado, criaram-se diversos cineclubes, ciclos de cinema, mostras e exibições públicas, além do Festival Manuel Padeiro de Cinema e Animação, iniciado em 2009 e que com três edições realizadas, traz a Pelotas um panorama anual da produção de cinema no Brasil.

Esse movimento de valorização local do cinema reflete na produção de cinema em Pelotas, que em 2012 vem ocorrendo em grande quantidade, especialmente através do curso superior de Cinema da UFPel. Mas para além da produção realizada dentro da universidade,

vem surgindo diversos coletivos de cinema independentes que iniciam a experimentação na linguagem audiovisual e que contam, no mais das vezes, com estudantes de cinema oriundos de todas as partes do país.

Como se vê, a revolução digital possibilitou as condições de realização e difusão do audiovisual e pode-se afirmar que Pelotas vive um momento histórico singular caracterizado pelo aproveitamento dessas condições.

Entretanto, há ainda um longo caminho a ser trilhado pela produção local se há a pretensão de construção de um pólo cinematográfico no sul do Brasil.

Por parte dos produtores, é necessário o trabalho de constituição jurídica, o registro nos órgãos competentes, a busca de qualificação e parcerias para confecção de projetos de relevância cultural aptos a pleitear recursos em igualdade de condições com os grandes centros de produção do país. A alta complexidade técnica e artística, e os custos elevados da produção de cinema, requerem capacitação para buscar financiamento para uma produção de cinema profissional.

Ou seja, para além da qualificação técnica e artística, é essencial para os produtores audiovisuais locais a capacitação para a produção cultural e a busca do entendimento de como funciona a economia da cultura, afinal, há inúmeros mecanismos de fomento disponíveis para as produtoras independentes, entretanto, estas devem estar aptas a pleiteá-los.

Por parte do empresariado e das instituições, deve haver a compreensão de que o apoio à produção cinematográfica gera não apenas uma cadeia produtiva de circulação de inúmeros bens e serviços, de extrema relevância econômica e social. Há que se enxergar também que o seu produto tem o poder de gerar inúmeras externalidades positivas, contribuindo ainda mais para o desenvolvimento da região em todos os setores da economia.

Deve-se vislumbrar ainda, que o produto final da indústria cinematográfica – o filme – é um bem com características peculiares à sua espécie: um bem cultural dotado de valores tangíveis e intangíveis, de relevância social e caráter público, que afirma e preserva as identidades locais. Além disso, caracteriza-se por ser um

bem não concorrente, na medida em que a fruição por uma pessoa não exclui a fruição por outra. Além disso, com a revolução digital – estamos apenas no início dela – é um bem que circula com facilidade e com custo marginal praticamente zero, sendo, portanto, um produto dotado de um poder imensurável e de vocação democrática.

Não faltam mecanismos legais de fomento ao audiovisual no país. Há, portanto, que se reconhecer as vantagens do financiamento de uma indústria cinematográfica, que deve ser vista como uma relação de simbiose entre produtores e financiadores, sejam públicos, sejam privados.

Esta é, em verdade, a única possibilidade de fomentar a produção cinematográfica na região. Se esta oportunidade não for aproveitada por produtores, empresas e instituições estatais e privadas, corre-se um risco muito maior do que a perda da mão de obra qualificada fornecida anualmente pela Universidade. Perderemos uma chance de desenvolvimento tanto econômico quanto cultural. Perderemos nossa identidade e auto-estima. Saberemos que por falta de visão permaneceremos em nosso círculo vicioso – uma cidade estagnada economicamente e exportadora de mão de obra qualificada para o mercado.

Nesse sentido há que se destacar a posição geográfica estratégica de Pelotas e sua vocação em tornar-se um pólo de produção de cinema. Dada sua proximidade com o Uruguai e a Argentina, há inúmeras possibilidades desde o compartilhamento do capital cultural ao financiamento de uma indústria cinematográfica na região.

Da integração cinematográfica com os países do Mercosul não apenas há grande potencial de aprendizados técnicos e artísticos mútuos, através do intercâmbio e de co-produções, mas também de bons filmes, dado que esses países vêm apresentando produções de cinema muito qualificadas. E das dificuldades de financiamento e distribuição próprias do cinema latino-americano, pode-se afirmar há grande interesse dos países integrantes do bloco em co-produzir com o Brasil.

Na área do cinema a integração é hoje uma necessidade. As co-produções internacionais são apontadas hoje como a forma mais viável de possibilitar o financiamento do cinema em razão da divisão dos custos de produção. Mas, além disso, um filme realizado

em co-produção com um ou mais países tem mais facilidades de distribuição, dado que a obra adquire caráter binacional ou multinacional, o que lhe confere melhores condições de circulação nos mercados de exibição.

Não faltam motivos para explorar a localização geográfica de Pelotas e seu momento no campo do cinema, brevemente expostos neste artigo. Em termos de financiamento, em verdade, abre-se um leque ainda maior de mecanismos de fomento próprios para co-produções, como o programa *Ibermedia*, os protocolos de cooperação *ICAU-Ancine*, *INCA-Ancine*, entre outros.

Pelotas tem vocação para se firmar como um pólo de produção audiovisual do Mercosul, mas, frisa-se mais uma vez: é fundamental a capacitação dos produtores e o entendimento pela sociedade da importância econômica e social das questões brevemente aqui expostas.

Malgrado nossa produção ainda seja embrionária, pode-se dizer que os tempos nunca foram tão bons. Por essa razão, visando dar continuidade ao trabalho, a produtora Moviola Filmes está atualmente realizando um trabalho prospectivo desenvolvendo diversos projetos: um documentário em fase de edição, um projeto de minissérie documentário musical envolvendo outros países da América Latina, um projeto de co-produção com o Uruguai de longa-metragem de ficção e um projeto de longa-metragem de ficção cujo roteiro é passado na fronteira Brasil-Uruguai.

Procurei aqui realizar uma exposição empírica da produção do cinema em Pelotas, especialmente da produção da Moviola Filmes, buscando relatar em linhas gerais a batalha traçada pelos envolvidos na produção cinematográfica até o presente momento, e, além disso, apontar para as possibilidades e potencialidades de produção profissional de cinema na região. Se o caminho prospectado neste artigo se configura em sonho, ou se é uma realidade possível, apenas o tempo dirá.